

Espectros do feminicídio em Cometerra, de Dolores Reyes

Carolina Montebelo Barcelos¹
Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ)

Resumo

De acordo com o Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe, em 2021, o Brasil, o México e a Argentina, nesta ordem, lideram os índices de feminicídio em números absolutos. A literatura latino-americana contemporânea vem abordando esse tipo de crime em suas narrativas. Desse modo, examina-se, neste artigo, a representação do feminicídio em *Cometerra*, da escritora argentina Dolores Reyes, de 2019, publicado em português em 2022. Em linhas gerais, *Cometerra* é o apelido de uma menina, órfã de mãe, que foi brutalmente assassinada, e que consegue rastrear pessoas desaparecidas após comer a terra em que a pessoa pisou antes de desaparecer. Trata-se, no romance, de vítimas de uma variedade de violências, incluindo o feminicídio. Para fins de apoio teórico, são cotejados com *Cometerra* considerações acerca da violência de gênero e do feminicídio – atravessadas pela crítica ao patriarcado - levadas a cabo por Rita Laura Segato, Marcela Lagarde y de Los Ríos, Esther Pineda e Diana Russell, assim como a análise da espectralidade por Jacques Derrida e Alberto Ribas-Casasaya. Nas considerações finais é discutido, tendo como base o romance analisado, como a estrutura patriarcal arraigada na sociedade latino-americana, marcada por uma necropolítica, é responsável pela violência de gênero.

Página | 9

Palavras-chave

Feminicídio. Espectralidade. Literatura Contemporânea Argentina. Patriarcado. Necropolítica.

¹ Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade pela PUC-Rio (2016)

Introdução

De acordo com o Observatório de Igualdade de Gênero da América Latina e do Caribe – sob os auspícios da Comissão Econômica para a América Latina, uma regional das Nações Unidas sediada em Santiago, no Chile, em 2021, o Brasil, o México e a Argentina, nesta ordem, lideram os índices de feminicídio em números absolutos. Ainda, segundo a ONU Mulheres (2017), a América Latina é a região do mundo, fora das zonas de guerra, com os maiores índices de violência contra as mulheres e de feminicídio.

Um estudo realizado pela ONU indica que as vítimas de feminicídio são meninas e mulheres de todas as idades e condições socioeconômicas e educativas (2006, p. 22), o que é corroborado pela antropóloga mexicana Marcela de Lagarde y de Los Ríos quando afirma que tanto nas classes exploradas quanto na classe burguesa há violência contra a mulher devido a homens autoritários e violentos (2015, p. 349).

A literatura latino-americana contemporânea vem abordando esse tipo de crime em suas narrativas. Desse modo, o objetivo desse artigo é examinar o romance *Cometerra*, da escritora argentina Dolores Reyes, de 2019, traduzido então para doze idiomas e publicado pela editora Moinhos em português em 2022. Em linhas gerais, *Cometerra* é o apelido de uma menina, órfã de mãe, que foi brutalmente assassinada, e que consegue rastrear pessoas desaparecidas após comer a terra em que a pessoa pisou antes de desaparecer. Trata-se, no romance, de vítimas de uma variedade de violências, incluindo o feminicídio.

Para fins de apoio teórico, são cotejados com *Cometerra* considerações acerca da violência de gênero e do feminicídio – atravessadas pela crítica ao patriarcado - levadas a cabo por Rita Laura Segato, Marcela Lagarde y de Los Ríos, Esther Pineda e Diana Russell, assim como a análise da espectralidade por Jacques Derrida e Alberto Ribas-Casasayas.

O termo em inglês *femicide* foi introduzido nas ciências sociais e nos estudos de gênero pela teórica feminista sul-africana Diana Russell. Ele foi primeiramente usado por Russell em Bruxelas, na Bélgica, no Tribunal Internacional de Crimes Contra a Mulher, em 1976, para descrever homicídios de mulheres por razão de gênero, fazendo distinguir-se, portanto, tais crimes de homicídios comuns.

Durante a década de 1990, a Ciudad Juárez, no estado de Chihuahua, no México, sofreu com uma série de assassinatos de mulheres, que foram violadas e torturadas antes de serem mortas. Muitos desses casos não foram esclarecidos e figuras

jurídicas locais e nacionais foram apontadas como negligentes, inclusive pela Corte Interamericana de Derechos Humanos. Foi devido a essa série de assassinatos que a Marcela Lagarde y de los Ríos utilizou pela primeira vez na América Latina o termo feminicídio.

Sobre o termo *femicide*, em inglês, de Los Ríos entende que “Em castelhano *femicidio* é uma voz homóloga a homicídio e apenas significa assassinato de mulheres²” (2004, p. 7). Assim, ela preferiu o termo feminicídio, por entender que ele exprime a ideia de assassinato de mulheres por questão de gênero, e assim tem sido usado em vários países da América Latina.

A antropóloga argentina Rita Laura Segato observa que embora os homens sejam assassinados em maior número, isso não ocorre por questão de gênero, isto é, não são assassinados por serem homens, como é o caso do feminicídiodio. Além disso, como ela aponta, o índice de mulheres homicidas é bem menor do que o de homens (SEGATO, 2021, p. 213). Acrescenta-se a isso o fato de que

as características dos assassinatos de mulheres são muito diferentes das dos assassinatos de homens e frequentemente compreendem aspectos de violência doméstica, zelo extremo e possessividade [...], disputa sobre dote ou questões de “honra”. Ademais, frequentemente estão acompanhados por violência sexual³ (ONU, 2006, p. 77-78).

Ao refletir sobre a motivação dos homens para assassinar mulheres, a socióloga venezuelana Esther Pineda cita Rita Laura Segato: “Na teoria do feminicídio, o impulso de ódio com relação à mulher se explicou como consequência da infração feminina às duas leis do patriarcado: a norma do controle ou posse sobre o corpo feminino e a norma da superioridade masculina⁴” (SEGATO *apud* PINEDA, 2019, p. 47). Desse modo, Pineda argumenta que os crimes de gênero são uma constante histórica, posto que estão presentes em diferentes momentos do processo histórico social (PINEDA, 2019, p. 15).

² No original: “En castellano *femicidio* es una voz homóloga a homicidio y sólo significa asesinato de mujeres”. Tradução nossa.

³ No original: “las características de los asesinatos de mujeres son muy diferentes de las de los asesinatos de hombres y frecuentemente comprenden aspectos de violencia doméstica, celos extremos y posesividad [...], litigios sobre la dote o cuestiones de “honor”. Además, frecuentemente están acompañados por violencia sexual”. Tradução nossa.

⁴ No original: “Dentro de la teoría del feminicidio, el impulso de odio con relación a la mujer se explicó como consecuencia de la infracción femenina a las dos leyes del patriarcado: la norma del control o posesión sobre el cuerpo femenino y la norma de la superioridad masculina”. Tradução nossa.

A violência contra a mulher e o feminicídio em *Cometerra*

“[...] o feminismo nunca matou ninguém. O machismo mata todos os dias.”
(Benoîte Groult)

A portenha Dolores Reyes é professora, formada em literatura clássica pela Universidade de Buenos Aires e ativista feminista. Fez oficina de escrita com os escritores argentinos Selva Almada e Julián López, a quem agradece no livro, uma vez que foi por meio da oficina que *Cometerra*, seu primeiro romance, foi gestado.

A dedicatória do livro é dirigida a Melina Romero e Araceli Ramos, duas jovens argentinas que foram golpeadas e assassinadas há dez anos, e a todas as vítimas de feminicídio. Destarte, as vítimas de assassinatos brutais ou de outras formas de violência no romance são em sua maioria mulheres.

O romance é narrado em primeira pessoa e o nome da narradora/protagonista nunca é revelado, apenas sabemos seu apelido, Cometerra, dado por vizinhos. Quando ainda era criança, Cometerra explica: “Se não me ouvirem, engulo terra. Antes engolia por mim, pela raiva, porque os incomodava e sentiam vergonha. [...] Depois comecei a comer terra por outros que queriam falar. Outros que já se foram (REYES, 2022, p. 9).

A terra, no romance, está relacionada diretamente com a memória, pois é ao ingeri-la que a narradora ativa os sentidos que a fazem voltar ao passado daqueles que se foram. Trata-se de pessoas desaparecidas ou mortas, em cativeiro, assassinadas, ou que sofreram mortes acidentais. Pessoas cujas mortes foram negligenciadas pela polícia, pelo Estado.

As duas primeiras mortes com as quais Cometerra se depara estão restritas à esfera privada; a da sua mãe e de Ana, sua professora. Posteriormente, ao ter suas visões conhecidas pelos arredores, passa a ser procurada por aqueles que incansavelmente buscam pela elucidação do desaparecimento ou da morte de seus entes queridos.

A morte da mãe de Cometerra abre o romance, com a relutância da protagonista em deixar que levem o corpo para a parte do cemitério que cabia aos pobres. Seu irmão Walter, por seu turno, nem ao cemitério quer ir:

Não quer vê-la em silêncio cair no buraco aberto no cemitério, nos fundos, onde ficam os túmulos dos pobres. Nem lápides, nem bronzes. Antes do canavial, uma boca seca que a engole. A terra, aberta como um corte. E eu tentando detê-la, fazendo força com meus braços, com esse corpo que nem chega a cobrir a largura do poço. Mesmo assim mamãe cai (REYES, 2022, p. 10).

É ainda nas páginas que abrem o romance – uma espécie de preâmbulo, posto que o que se segue é intitulado “Primeira Parte” - que sabemos que a mãe de Cometera fora assassinada pelo pai: “A terra a envolve como os golpes do velho e eu colada ao chão, perto como sempre desse corpo que é arrancado de mim como num assalto” (REYES, 2022, p. 10). Um pouco mais adiante a protagonista relata o que a terra a revelou: “Bateram nela. Vejo as pancadas apesar de não as sentir. A fúria dos punhos afundando na carne como poços. Vejo meu pai, mãos iguais às minhas, braços fortes para aquele punho que fisgou seu coração e sua carne como um anzol (REYES, 2022, p. 12).

O estudo recente da ONU constatou que a forma mais comum, em uma perspectiva global, de violência sexual, física e psicológica contra a mulher é perpetrada pelo companheiro, seja ele marido, noivo ou namorado (ONU, 2006, p. 43). Nesse sentido, Esther Pineda chama atenção para o fato de que ao contrário do imaginário de que o lar representa segurança, é nele onde o feminicídio é mais frequente, “porque é no lar que as mulheres começam a questionar e a transgredir a ordem patriarcal sexista, heteronormativa e androcêntrica⁵” (PINEDA, 2019, p. 48).

O feminicídio, em muitos casos, como o da mãe de Cometera, não ocorre casualmente, sem precedentes, mas trata-se de um continuum de violência prévia, conforme explicado por Diana Russell (2006, p. 58) e por Pineda, que complementa: “realizada para neutralizar desde seus primeiros momentos os intentos de emancipação e independência das mulheres⁶” (2019, p. 49). Assim, a protagonista se lembra que as únicas tardes em que ela via a mãe feliz era quando seu pai não estava em casa (REYES, 2022, p. 68).

Embora o feminicídio na esfera íntima seja mais recorrente, também é perpetrado por desconhecidos, como foi o caso da professora de Cometera. O assassinato da professora Ana é o segundo abordado no romance e o segundo em que a polícia falhou na investigação. Assim, a protagonista foi até o pátio da escola onde a professora costumava ficar, comeu a terra “onde ela pisava suas lindas botas para nos ver brincar” (REYES, 2022, p. 19) e então a viu “nua, com as pernas abertas e meio dobrada para os lados [...] E as mãos para trás, amarradas a um dos postes do galpão” (REYES, 2022, p. 21).

⁵ No original: “porque es en el hogar donde las mujeres comienzan a cuestionar y transgredir el mandato patriarcal sexista, heteronormativo y androcêntrico”. Tradução nossa.

⁶ No original: “realizada para neutralizar desde sus primeros momentos los intentos de emancipación e independencia de las mujeres”. Tradução nossa.

A partir da segunda parte do romance, Cometera já é adolescente e passa a ter sonhos relativamente constantes com a professora Ana, cujos diálogos a protagonista relata. A memória da professora, assim como a da mãe, atravessa boa parte do romance; trata-se da elaboração da protagonista de seu luto que, como nos informa Jacques Derrida, “consiste sempre em tentar ontologizar os restos, torná-los presentes, em primeiro lugar em *identificar* os despojos e em *localizar* os mortos” (1994, p. 25).

Em um dos sonhos de Cometera, Ana conta à protagonista como foi estuprada antes de ser assassinada: “Não foi só um. Um me arrastou. Outro me amarrou. Vários arrancaram a minha roupa” (REYES, 2022, p. 132). Nesse sentido, como assevera a professora de teoria literária Silvia Barei, “Seu corpo perdeu a materialidade, mas seu espectro e sua voz reaparecem como lugar de enunciação da memória, vinculada estreitamente aos acontecimentos que marcam o contexto em que os personagens se desenvolvem⁷” (BAREI, 2021, p. 43). A questão da spectralidade é, portanto, uma chave de leitura das visões que a protagonista tem após ingerir a terra pela qual as personagens desaparecidas pisaram, principalmente a relação da personagem Ana com Cometera.

No que diz respeito à spectralidade na literatura, o professor de literatura comparada Alberto Ribas-Casaya assinala que “a figura do spectral e a narrativa do *haunting* ou assédio constituem uma forma de memória narrativizada. É um tropo que nos permite falar ‘de’ e ‘para’ uma história de violência e exclusões programadas” (RIBAS-CASASAYAS, 2019, p.13). Assim, as mulheres que foram estupradas, violentadas e assassinadas no romance ganham voz por meio de seus espectros que surgem para a narradora em que a terra é ao mesmo tempo metáfora e materialidade da memória. E no caso da professora Ana, mas principalmente no da mãe da protagonista, seus espectros são, como assinala Derrida, “*outros* que não estão presentes, nem presentemente vivos, nem para nós, nem em nós, nem fora de nós” (1994, p. 11) e, nesse sentido, “este estar-com os espectros seria também, não somente, mas também, uma *política* da memória, da herança e das gerações” (DERRIDA, 1994, p. 11).

O espectro para Derrida paira entre vida e morte, presença e ausência. Assim, o espectro da professora Ana se encontra nos sonhos de Cometera de modo análogo ao do pai de Hamlet, este analisado por Derrida em *Espectros de Marx*: ele sabe de um segredo a ser revelado – como foi estuprada e assassinada -, de um erro a ser corrigido e

⁷ No original: “Su cuerpo ha perdido materialidad, pero su espectro y su voz reaparecen como lugar de enunciación de la memoria, vinculada estrechamente a los acontecimientos que marcan el contexto en el que los personajes se desenvuelven”. Tradução nossa.

do malfeitor a ser capturado— no caso, o crime de feminicídio a ser punido. Portanto, o que pode explicar a recorrência dos sonhos da protagonista com a professora é que, conforme assinala Colin Davis, professor de literatura comparada, “os mortos retornam em parte porque seus assuntos na terra ainda não estão concluídos⁸” (DAVIS, 2007, p. 2).

Quando as visões de Cometera ficam conhecidas em sua região, ela é procurada por diversas pessoas que querem saber sobre entes queridos desaparecidos. Há, por exemplo, o caso da jovem María, que a protagonista vê em um cativo após ser raptada por um homem velho: “estava amarrada àquela cama que era só sujeira para um corpo nascido há poucos anos, quantos, talvez dezessete” (REYES, 2022, p. 83). Foi o contato de Cometera com o espectro de María que sua família conseguiu resgatá-la. Assim, como informa Davis, “O aparecimento do fantasma é sinal de uma perturbação na ordem simbólica, moral ou epistemológica. Uma vez corrigida a perturbação, o fantasma partirá novamente, desta vez despachado [...] para sempre⁹”.

Cometera aborda, por meio de uma estética espectral, histórias de desaparecidas e desaparecidos em uma Argentina contemporânea. Alberto Ribas-Casasaya assinala que a ideia do espectral na literatura da América Hispânica está relacionada à violência histórica, seja ela ocorrida durante o período colonial ou em um passado recente, e à busca em preservar a memória desse passado (RIBAS-CASASAYAS, 2019, p. 13). Nesse diapasão, Silvia Barei argumenta que há na literatura argentina contemporânea um resgate da memória da ditadura militar argentina (1976-1983) por meio de “textos que contam acontecimentos traumáticos, desaparecimentos, mortes, estupros, sob o formato da estranheza, do paranormal, do surreal, do espectral, e que constroem efeitos de sentido que não podem deixar de remeter ao real¹⁰” (BAREI, 2021, p. 41). Assim, as personagens desaparecidas e violentadas de *Cometera* podem ser interpretadas como uma referência aos corpos desaparecidos e vitimados durante a ditadura militar argentina.

Outra referência possível à ditadura militar argentina é o papel que a figura materna exerce no romance. Las Madres de la Plaza de Mayo (Mães da Praça de Maio) é uma associação de mães que se organizaram na década de 1970 em Buenos Aires com o

⁸ No original: “the dead return in part because their affairs on earth are not yet complete”. Tradução nossa.

⁹ No original: “The ghost’s appearance is the sign of a disturbance in the symbolic, moral or epistemological order. Once that disturbance has been corrected, the ghost will depart again, dispatched this time [...] for good”. Tradução nossa.

¹⁰ No original: “Textos que cuentan acontecimientos traumáticos, desapariciones, muertes, violaciones, bajo el formato de la extrañeza, lo paranormal, lo surreal, lo espectral y construyen efectos de sentido que no pueden sino referir a lo real”. Tradução nossa.

objetivo de descobrir o que aconteceu com seus filhos – desaparecidos ou assassinados pelo Estado. Desse modo, além da própria personagem-mãe da protagonista, quem procura saber sobre entes queridos desaparecidos no romance é geralmente a mãe, a mãe de Florensia, a mãe de Ian, a mãe de María. Ao tentar descobrir o paradeiro desta última personagem, diz Cometera: “Acaricieei a terra, cerrei o punho e ergui em minha mão a chave que abria a porta por onde María e tantas garotas haviam passado, elas sim, filhas queridas da carne de outra mulher” (REYES, 2022, p. 83). Também, em diálogo com o espectro de Ana, a professora diz à protagonista que gostaria de ter engravidado de uma menina, ao que Cometera retruca: “Eu nem amarrada. Elas somem” (REYES, 2022, p. 55).

Nos desaparecimentos e feminicídios não devidamente investigados pela polícia há também, no romance, a denúncia da negligência do Estado quanto a crimes de gênero. Esse foi o caso do assassinato da mãe da protagonista, do estupro seguido de morte de Ana e do desaparecimento de Florensia e de María. Sobre esta última, diz Cometera com raiva: “imaginei os outros policiais dizendo [...]: ‘Daqui a pouco ela volta, aposto que fugiu com o namorado’” (REYES, 2022, p. 64). É a esse respeito que Rita Laura Segato assevera: Num meio dominado pela instituição patriarcal, atribui-se menos valor à vida das mulheres e há uma maior propensão para justificar os crimes que padecem¹¹” (2006, p. 3). Desse modo, as mulheres, como no romance, são vítimas de violência duas vezes, quando são violentadas e assassinadas e quando são vítimas da negligência e impunidade do estado.

Considerações finais

A professora de literatura hispano-americana Ana Gallego Cuiñas observa que os chamados novíssimos narradores argentinos (século XXI), como Selva Almada, Mariana Enríquez e Gabriela Cabezón Cámara, têm chamado a atenção da crítica por estarem renovando o terror literário por meio da denúncia política como, por exemplo, da ditadura militar, dos abusos do Estado e dos feminicídios (CUIÑAS, 2020). Assim, estaríamos diante do gótico feminino, que diz respeito a escritoras que cultivam “este gênero como espaço subversivo para mostrar a opressão social e política da mulher”

¹¹ No original: “En un medio dominado por la institución patriarcal, se atribuye menos valor a la vida de las mujeres y hay una propensión mayor a justificar los crímenes que padecen”. Tradução nossa.

(CUIÑAS, 2020). Certamente, a partir de *Cometerra*, Dolores Reyes passa a integrar esse grupo de escritoras.

Os feminicídios e violência contra a mulher no romance aqui analisado são, segundo Rita Laura Segato, crimes do patriarcado, “cuja dupla função é, [...] simultaneamente, a retenção ou manutenção, e a reprodução do poder¹²” (SEGATO, 2006, p. 4), o que é complementado por Marcela Lagarde y de Los Ríos quando afirma que o feminicídio é um crime de Estado (2006, p. 20) e é legitimado tanto pelo Estado quanto pela sociedade para manter os homens em posição de supremacia (2006, p. 26).

A partir das reflexões de Segato e de Los Ríos e do conceito cunhado por Achille Mbembe para explicar como, no contexto africano, o Estado exerce o poder sobre a vida e a morte, podemos conceber a violência de gênero e o feminicídio como necropolítica, em que o terror a que muitas mulheres são submetidas age como ferramenta de controle. Trata-se, como exemplificado em *Cometerra*, de um Estado que negligencia reiterados casos de violência contra a mulher sob a forma de um aparato policial despreparado ou desinteressado em investigar feminicídios e de um sistema judiciário misógino, não obstante os avanços em promulgações de leis que punem a violência de gênero, que ainda, em muitos casos, relativiza a violência contra a mulher, atenuando a pena dos agressores, patologizando-os, ou alegando falta de provas. Assim, a necropolítica feminicida se enuncia por meio do terror que vivem as mulheres vítimas de violência, mormente as mulheres pobres, embora a violência de gênero afete mulheres de todos os estratos sociais.

Referências

BAREI, Silvia. Dolores Reyes, Cometierra. La novela argentina y la vulnerabilidad de lo viviente. GOYCOCHEA, Adriana (org.). **Miradas góticas**. Del miedo al horror en la narrativa argentina actual. Viedma: Etiqueta Negra, 2021. p. 37-44.

CUIÑAS, Ana Gallego. El feminismo gótico de Mariana Enríquez. **Latin American literature today**, n. 14, mai. 2020. Disponível em: <<https://latinamericanliteraturetoday.org/es/2020/05/gothic-feminism-mariana-enriquez-ana-gallego-cuinas/>>. Acesso em: 17 nov. 2023.

DAVIS, Colin. **Haunted subjects: deconstruction, psychoanalysis and the return of the dead**. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2007.

¹² No original: “cuja dupla función es, [...] simultáneamente, la retención o mantención, y la reproducción del poder”. Tradução nossa.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**: o estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

LAGARDE Y DE LOS RÍOS, Marcela. Introducción. In: RUSSELL, Diana E.; HARMES, Roberta A. **Feminicidio**: una perspectiva global. México: Universidad Autónoma de México/Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias y Humanidades, 2006. p. 15-42.

_____. **Los cautiverios de las mujeres**: madresposas, monjas, putas, presas y locas. México: Siglo XXI Editore, 2015.

MBEMBE, Achille. Necropolitics. **Public Culture**, v. 15, n. 1, p. 11-14, 2003. Disponível em: <https://warwick.ac.uk/fac/arts/english/currentstudents/postgraduate/masters/modules/thoryfromthemargins/mbembe_22necropolitics22.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Estudio a fondo sobre todas las formas de violencia contra la mujer**. Asamblea General. 6 jul. 2006. Disponível em: <<https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/BDL/2016/10742.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2023.

_____. CEPAL, Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe. **Feminicidio**. Disponível em: <<https://oig.cepal.org/pt>>. Acesso em: 15 ago. 2023.

PINEDA, Esther. **Cultura femicida**: el riesgo de ser mujer en América Latina. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2019.

REYES, Dolores. **Cometerra**. Belo Horizonte: Moinhos, 2022.

RIBAS-CASASAYAS, Alberto. El espectro, en teoría. **iMex. México Interdisciplinario**, v. 16, p. 8-20, 2019. Disponível em: <https://scholarcommons.scu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1021&context=mod_lang_lit>. Acesso em: 6 nov. 2023.

RUSSELL, Diana E. Introducción: las políticas del feminicidio. In: RUSSELL, Diana E.; HARMES, Roberta A. **Feminicidio**: una perspectiva global. México: Universidad Autónoma de México/Centro de Investigaciones Interdisciplinarias em Ciencias y Humanidades, 2006. p. 57-72.

SEGATO, Rita Laura. **Que és um feminicídio**. Notas para un debate emergente. Brasília, 2006. Disponível em: <<https://www.nodo50.org/codoacodo/enero2010/segato.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2023.

_____. **La guerra contra las mujeres**. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2021.

SPECTERS OF FEMINICIDE IN EARTHEATER, BY DOLORES REYES

Abstract

According to the Gender Equality Observatory for Latin America and the Caribbean, in 2021, Brazil, Mexico and Argentina, in this order, lead the femicide rates in absolute numbers. Contemporary Latin American literature has been approaching this type of crime in its narratives. Therefore, this article examines the representation of femicide in *Eartheater*, by Argentine writer Dolores Reyes, from 2019, published in Portuguese in 2022. In general terms, *Eartheater* is the nickname of a girl whose mother was brutally murdered and who can track down missing people after eating the dirt the person stepped on before disappearing. The novel deals with people who are victims of a variety of violence, including femicide. For the purposes of theoretical underpinning, the considerations by Rita Laura Segato, Marcela Lagarde y de Los Ríos, Esther Pineda and Diana Russell regarding femicide – traversed by the criticism of patriarchy – are used in the analysis of the novel, as well as the examination of spectrality by Jacques Derrida and Alberto Ribas-Casasaya. In the final considerations, based on the novel analysed, it is discussed how the patriarchal structure rooted in Latin American society, marked by necropolitics, is responsible for gender violence.

Keywords

Femicide. Spectrality. Contemporary Argentine Literature. Patriarchy. Necropolitics.